

*Coordenadora do Museu de Lisboa - Teatro Romano (Museu de Lisboa, Direção Municipal da Cultura, C.M.L.). Arqueóloga, Mestre em História de Arte. lidia.fernandes@cm-lisboa.pt

**Desenhador / maquetista (Museu de Lisboa – Palácio Pimenta (Museu de Lisboa, Direção Municipal da Cultura, C.M.L.). cabral.loureiro@cm-lisboa.pt

***Arqueólogos ERA-Arqueologia. alexandresarrazola@era-arqueologia.pt; sandrabrazuna@era-arqueologia.pt

****Arqueóloga. Instituto de Estudos Medievais (IEM) e Universidade de Salamanca (USAL). sara.m.prata@gmail.com

Paisagem urbana de *Olisipo*: fatias da história de uma cidade

Lídia Fernandes*
Carlos Loureiro**
Sandra Brazuna***
Alexandre Sarrazola***
Sara Prata****

Resumo Apresenta-se uma análise dos vestígios arqueológicos e documentais identificados na atual Rua da Saudade, procurando-se uma interpretação arquitetónica e funcional dos mesmos. O objetivo deste trabalho é a inter-relação destes vestígios com o teatro romano e, especialmente, com a monumentalização da área contígua à entrada máxima (*aditus maximus*) nascente deste monumento. Através da reconstituição virtual, objetiva-se, igualmente, uma visualização das alterações de cota que medeiam entre a Época Republicana e de inícios do Império até à atualidade.

Abstract With this article, an archaeological and documentary analysis of traces identified in the present Rua da Saudade (Lisbon, Portugal) is brought forward, based on an architectural and functional interpretation. Assessing the relation between these traces and the Roman theatre, especially with the monumentalized area adjoining the *aditus maximus* at the east side of the monument, is the main aim of this work. Through the virtual reconstruction, a preview of the quota changes that occurred between the Republican era and the beginning of the Empire is presented.

1. Introdução

O projeto de investigação que tem vindo a ser realizado sobre o teatro romano de Lisboa tem procurado reunir elementos com vista à sua reconstituição conceptual mas também as etapas e remodelações arquitetónicas que sofreu ao longo do tempo.

As últimas campanhas arqueológicas realizadas na envolvente do teatro (2001, 2005, 2006, 2010 e 2011) lograram a descoberta da estrutura do *post scaenium* — o enorme muro de suporte da fachada cénica — e o sistema de engenharia implementado para a sua edificação. Os dados até agora alcançados autorizam pensar num ambicioso modelo urbanístico, tra-

duzido na criação de grandes terraços ou plataformas que venceriam um acentuado desnível topográfico situado a sul.

Tivemos oportunidade de explicitar, em trabalhos anteriores de um dos signatários (L. F.), este arranjo paisagístico da zona tardoz do teatro traduzido num complexo sistema de engenharia que alicerçou esta parte da encosta pelo lado sul do edifício cénico. Uma solução de patamares, articulados em plataformas horizontais, constitui uma fórmula recorrente na urbanística da cidade de *Olisipo* (entre outros, Fernandes, 2013, pp. 765–773) e bastante habitual no Império Romano.

Uma questão intimamente relacionada com esta solução de engenharia prende-se com a rede viária que permitiria estruturar entre si tais patamares, os quais, naturalmente, englobariam na sua articulação grandes desníveis topográficos. No caso do teatro, ainda que tais artérias não tenham sido detetadas, será plausível preconizar a sua existência, já que as mesmas se pautariam pela localização dos dois *aditus maximi* do teatro, isto é, as duas entradas monumentais de acesso ao interior do edifício cénico. No caso da entrada situada a poente, nada se conserva de tais estruturas ou da respetiva via de acesso, facto que se deve à abertura da Rua de S. Mamede. Esta artéria, criada nos finais do século XVIII, rebaixou substancialmente o terreno daquela zona da colina, tendo coincidido com a parte poente do monumento romano.

Ainda hoje é possível observar, num terreno sem construção do lado norte da Rua de S. Mamede, contíguo ao edifício n.º 8, parte do afloramento rochoso natural que se encontra a cerca de 3 m de altura em relação ao pavimento atual. Esse troço evidencia bem a cota a que as estruturas romanas, que aproveitariam o afloramento natural, originalmente se encontravam.

No que respeita à entrada monumental nascente — coincidente com a atual Rua da Saudade —, os achados arqueológicos detetados ao longo da rua e a parte conservada do interior do teatro permitem fazer uma ideia do que terá sido, urbanística e arquitetonicamente, essa área.

São estes pressupostos que alicerçam a investigação que temos vindo a desenvolver. As informações que reunimos provêm das várias intervenções arqueológicas realizadas no n.º 2 da Rua da Saudade — em campanhas arqueológicas implementadas pela empresa Era Arqueologia e, posteriormente, pelas arqueólogas Sara



Prata e Diana Dias — e de outras escavações realizadas na mesma rua e no Largo de S. Martinho. Tendo por base os dados arqueológicos e históricos, a interpretação que apresentamos permite propor uma reconstituição volumétrica e funcional da zona nascente imediatamente adjacente ao monumento cénico.

Propõe-se, assim, uma interpretação conjunta dos dados arqueológicos e históricos, com o propósito de reconstituir o paleossolo da cidade antiga e, particularmente, dos contornos da monumentalização e transformação que a cidade sofreu com a implantação do novo poder romano, objetivando um embelezamento do espaço construído, cumprindo, assim, óbvios fins de propaganda.

Paralelamente a este trabalho, uma outra vertente de investigação tem vindo a ser realizada, com o intuito de identificar a sobreposição das várias cidades que precederam a atual, tentando perceber de que forma esta sobreposição foi sendo realizada ao longo dos séculos.

O projeto que agora apresentamos, intitulado *Paisagem urbana de Olisipo: fatias históricas de uma cidade*, reveste-se, assim, de várias facetas na apreensão da evolução histórica da urbe, cotejando resultados obtidos por diversas abordagens e procurando a construção de um modelo virtual da fisionomia urbana. Esta investigação visa uma reconstituição provável, ainda que não precisa nos seus pormenores. Tivemos oportunidade de, em trabalho recente, apresentar uma primeira proposta de parte deste projeto (Fernandes & alii, 2014). O que agora expomos pretende ser um aprofundamento desse primeiro esboço, mas, de igual

Fig. 1 — Perspetiva de nascente para poente da área do *aditus maximus* do teatro em 1967, no final da escavação realizada por Irísvalva Moita.

Fig. 2 – Perspetiva de sul para norte da área do *aditus maximus*, observando-se o afloramento rochoso e o *opus caementicium* que formavam a parede norte do *aditus maximus* nascente.



Fig. 3 – Perspetiva de sul para norte da estrutura do *post scaenium* — estrutura de suporte da fachada cénica detetada no pátio do Museu do Teatro Romano.



modo, a materialização do perfil das cidades de *Olisipo* e de Lisboa. Recorrendo à reconstituição tridimensional, admitimos que é possível e desejável uma perceção distinta dos contornos da evolução histórica da cidade. A bidimensionalidade destas ideias permitiu, como viemos a constatar no decurso da elaboração deste projeto, a retificação de algumas reflexões que inicialmente havíamos proposto e a elaboração de outras, abrindo, simultaneamente, novas vias de investigação.

Por tentativa e erro procura-se não uma “verdade histórica” mas antes uma materialização do que vamos encontrando no terreno, uma transposição física que permite pensar numa paisagem urbana, embora ainda persista a indefinição de muitos dos seus contornos, e a implantação dos diversos achados e sua inter-relação suscite novos problemas interpretativos.

2. As intervenções arqueológicas na área nascente do teatro romano

2.1. Intervenção no teatro romano

A intervenção arqueológica realizada no teatro romano iniciou-se na década de 1960. Entre 1964 e 1967¹ a sua parte central foi

escavada, tendo coincidido com a área da *orchestra*, embasamento do *proscenium*, zona inferior das bancadas e parte nascente, correspondente ao *aditus maximus* (Fig. 1).

Nesta última área, a escavação foi continuada em 1990² com o alargamento para nascente, ainda que tenha sido interrompida ao nível das estruturas da Época Moderna anteriores ao terramoto de 1755. Ainda assim, foi possível observar o que se conserva do pavimento original desta área do teatro, correspondente ao *aditus maximus*.

O afloramento rochoso natural foi aqui aproveitado para a colocação de silhares que formariam o pavimento da entrada, assim como a parede sul do corredor abobadado que permitiria o acesso, já por baixo dos degraus, até à *orchestra*. Desta parede ainda se conservam alguns silhares *in situ*, que permitem o traçado desta área da estrutura cénica. O muro norte onde descarregaria a abóbada conserva parte do afloramento rochoso e um enorme enchimento feito em *opus caementicium*, estrutura que seria revestida por silhares entretanto desaparecidos (Fig. 2).

Com a inauguração do Museu do Teatro Romano em 2001, foi possível intervencionar arqueologicamente a zona sul do monumento cénico, interessando sublinhar o aparecimento da imponente estrutura do *post scaenium* e de um outro muro, sensivelmente paralelo, localizado no limite do pátio do museu e situado a cerca de 5 m para sul, coincidente com a parede de suporte do atual terraço do museu (Fernandes, 2006, pp. 181–204, 2007, pp. 27–39) (Fig. 3). Estes elementos, a par de outros fornecidos por sondagens realizadas na Rua Augusto Rosa (Fernandes, Sepúlveda & Antunes, 2012, pp. 44–55), junto à fachada do museu, permitiram, em conjunto com os dados fornecidos pela arqueologia da arquitetura, projetar uma reconstituição do que terá sido o projeto inicial do teatro romano de *Olisipo*, essencialmente no que se refere ao sistema de engenharia implementado para o apoio deste enorme edifício no declive da colina (Fernandes, 2013, pp. 765–773).

Apesar de os dados até agora obtidos continuarem a ser parcelares, é possível delinear o traçado do edifício cénico e, essencialmente, projetar a enorme obra de engenharia levada a cabo na zona virada ao Rio Tejo. Neste local, um complexo sistema de muros paralelos, muito possivelmente abobadados — criando o que

¹ A primeira intervenção realizada no local foi em 1965, levada a cabo por Fernando de Almeida (1966, pp. 561–571) e depois prolongada por Irlsalva Moita entre 1965 e 1967 (Moita, 1970, pp. 7–37).

² Intervenção levada a cabo entre 1989 e 1993 por equipa camarária onde interveio uma das signatárias (L.F.).



podemos designar por criptopórtico — constituiriam patamares sucessivos que venceriam o enorme desnível existente entre o edifício cénico, situado a norte, e o *decumanus* — via romana de orientação este/oeste — que passaria a sul, onde hoje se situa, sensivelmente, a Rua Augusto Rosa (Fernandes, Sepúlveda & Antunes, 2012, pp. 44–55; Fernandes, 2013, pp. 765–773).

Na verdade, a reconstituição que propomos para esta área integra-se na generalidade das opções urbanísticas dos teatros por todo o Império Romano. A paisagem urbanística na envolveria do edifício e as soluções arquitetónicas adotadas levariam em linha de conta o aproveitamento do local para as atividades subsidiárias suscitadas por este enorme edifício lúdico. Locais para estar, zonas onde a população se poderia abastecer de água e comida antes da entrada no teatro e edifícios de carácter religioso onde seria prestada homenagem ao Imperador e aos deuses.

2.2. Vestígios na Rua da Saudade n.º 2

A Rua da Saudade situa-se em zona de nível I do PDM de Lisboa (quer na versão em vigor à data dos trabalhos, quer atualmente na revisão de 2012). Tal enquadramento espacial, à luz dos artigos 15º (PDM 1994) ou 33º (PDM 2012), implica a obrigatoriedade de escavações arqueológicas em áreas cujo subsolo não tenha sido recentemente remexido. Tais eram os casos do edifício sito no n.º 2 da Rua da Saudade e do traçado da rede da EPAL, na zona a nascente daquele imóvel, o qual adiante analisaremos. Acresce — o que, para o assunto em causa, adquire inequívoca importância — a sua localização na ZEP do teatro romano



Fig. 4 – Perspetiva superior do topo do alicerce da Época Romana dos depósitos preservados de cronologia romana e a micro-sondagem realizada no local.

Fig. 5 – Peça 1: fragmentos de placas de revestimento (?) encontrados na Rua da Saudade, n.º 2.

Fig. 6 – Peça 3: capeamento de ara (fragmento). Peça recolhida na Rua da Saudade n.º 2.

(classificado como Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 47984 de 6/10/1967; Z.E.P., D.G., 2.ª série, n.º 71 de 25/3/1969).

No empreendimento de reabilitação do edifício da Rua da Saudade, a deteção de contextos arqueológicos preservados *in situ* conduziu a uma escavação integral na área de afetação de obra. No logradouro do n.º 2 da Rua da Saudade, situado na parte noroeste do edifício, os trabalhos permitiram identificar os vestígios de uma ocupação do Período Romano materializada num grande alicerce de um edifício com uma orientação SO/NE, tendo uma área visível de 5,25 m x 2,75 m e uma espessura conservada de 1,30 m [UE 414/523] (Fig. 4). Esta estrutura é constituída por blocos de calcário, sobretudo de grandes e médias dimensões, fortemente ligados por uma argamassa amarelada de areia e cal.

O edifício foi arrasado até à fundação; no entanto, a compactidade da argamassa conservou o negativo das paredes derrubadas, permitindo observar a existência de um espaço compartimentado, assim como ter noção da cota do nível de pavimento. Este facto permitiu também recolher a informação de que, para além do edifício possuir um alicerce com cerca de 1,30 m de espessura, as paredes construídas a partir dele atingiam cerca de 1 m de largura.

Verificou-se a existência de um corte no terreno original [419] da área do logradouro que removeu/revolveu a estratigrafia pré-existente até à cota de afetação da obra, posteriormente preenchido com diversos aterros [403, 408–410, 413 e 415], associados a materiais que permitem datar esta ação do século XX. A manutenção de uma estreita faixa de depósitos preservados [412, 416–418 e 420] à cota média de 47,60 m possibilitou uma caracterização cronológica desta estrutura. Assim, a rea-

Fig. 7 – Peça 2:
edícula. Fragmento
de possível epígrafe
enquadrada numa
edícula, recolhida na
Rua da Saudade, n.º 2.



lização de uma microsondagem nestes depósitos, junto ao paramento da estrutura, permitiu verificar a sua altura e recolher um espólio homogêneo enquadrável no Período Romano, composto por fragmentos de cerâmica comum e de *terra sigillata* hispânica, assentando a base da estrutura num destes níveis, [417].

Na área de intervenção situada mais a norte, já fora do espaço onde a estratigrafia foi alterada, recolheram-se nos depósitos que cobriam o alicerce [UE512] e 526] evidências materiais de cerâmica comum e pequenos fragmentos de *terra sigillata* de produção hispânica e africana, destacando-se alguns elementos de mármore (Fig. 5, peça 1) que poderão corresponder aos vestígios do pavimento desta área do edifício. Salienta-se ainda a recolha de um fragmento de edícula em pedra lioz, possivelmente de

finais do século I d.C. (Fig.6, peça 2).

Com os dados recolhidos, apenas podemos referir a presença de um grande edifício neste local, do qual se conservou o alicerce com o registo dos negativos das paredes. Quanto a cronologias, sabemos que foi construído sobre um depósito cujos materiais associados são da Época Romana (séculos I/II d.C.). Infelizmente, tanto quanto se pôde observar, a sua destruição implicou a total remoção de todos os vestígios relacionados com a sua existência e utilização. O depósito mais antigo que cobria, em parte, este interface de destruição parece corresponder a um aterro limpo de entulhos, e, embora apresente materiais de cronologia romana, desconhecemos a sua proveniência.

Outras peças de cronologia romana foram recolhidas, ainda que em contextos posteriores, como aconteceu com um fragmento de capeamento de arca, enquadrável, estilisticamente, entre os finais do século I d.C. e a seguinte centúria (Fig. 7, peça n.º 3).

Situado a escassos metros do teatro romano, salienta-se a semelhança das cotas de pavimento do teatro e as da estrutura, correspondendo a cota média do teatro a 46,82 m e a da estrutura a 46,60 m, ressaltando o facto de esta ter sido destruída abaixo do nível de pavimento. Também no que se refere à orientação, SO/NE, e traçando o prolongamento do seu limite exterior, ela não é muito distinta da observada no edifício cénico, ainda que a reduzida área visível do alicerce identificado no n.º 2 da Rua da Saudade não constitua um dado absoluto.

RS11.EA30



Fig. 8 – Peça 4:
estátua. Fragmento
correspondente
a joelho com
representação de veste
na parte superior. Peça
recolhida na Rua da
Saudade n.º 2.

Num segundo momento, ocorrido entre janeiro de 2011 e junho de 2012, foi realizado o acompanhamento arqueológico da recuperação do edifício n.º 2 da Rua da Saudade³. A localização do edifício, a antiguidade do imóvel e os resultados obtidos nos trabalhos arqueológicos anteriores reforçaram a importância de assegurar o acompanhamento arqueológico continuado.

No decurso destes trabalhos, sublinha-se o aparecimento de um fragmento de estátua (Fig. 8, peça 4), concretamente, um joelho, em mármore branco de muito boa qualidade, sem venadas e cristalino, assim como um fuste de coluna (Fig. 9, peça n.º 5) e um fragmento de cornija (Fig. 10, peça n.º 6), ambos em calcário. Sendo estes elementos provenientes das demolições do interior do edifício, é impossível uma qualquer atribuição contextual. Temos, assim, um número sugestivo de materiais arquitetónicos e escultóricos, que não poderá explicar-se simplesmente como resultado de uma coincidência de deposições secundárias posteriores, antes deverá ser entendido como indicador da existência, neste local ou nas suas imediações, de uma ou várias edificações, ideia que é reforçada pelo embasamento romano aparecido no mesmo local.

2.3. Vestígios do Largo de São Martinho

Os trabalhos nesta área, levados a cabo pela ERA Arqueologia S.A., iniciaram-se pela execução de sondagens preliminares de diagnóstico, prévios à abertura das valas para substituição de condutas, sendo que a deteção de contextos arqueológicos preservados *in situ* conduziu a uma escavação integral, na área de afetação de obra prevista, e a alguns alargamentos para contextualização dos vestígios observados.

Os trabalhos realizados permitiram identificar os vestígios de uma ocupação do Período Romano, atestada pela presença de um pavimento em *opus signinum* (Fig. 11), [141] associado ao alicerce de uma parede de alvenaria. O pavimento era constituído por blocos irregulares de calcário ligados por uma argamassa esbranquiçada, muito compacta, essencialmente composta por areia e cal, com alguns muito pequenos fragmentos de cerâmica e cascalho [111]. A construção do alicerce implicou a abertura de uma vala [121], no nível de

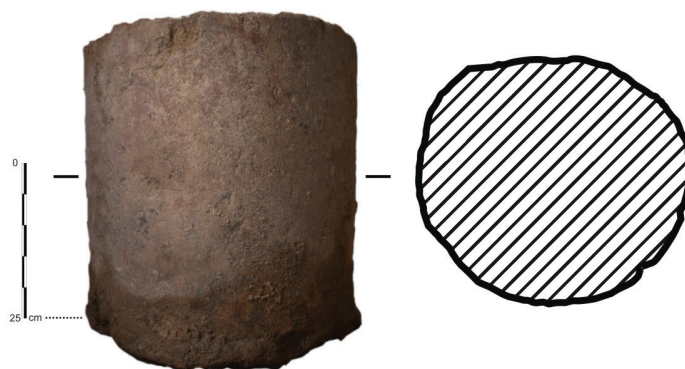


Fig. 9 – Peça 5: fuste de coluna. Peça recolhida na Rua da Saudade n.º 2.

argilas que constituem o nível geológico [221], sendo que o pavimento igualmente assenta nestas argilas.

Embora as características das estruturas nos remetam para uma cronologia da Época Romana, a pequena dimensão da área observada e a inexistência de contextos e materiais associados a estas realidades limitam a caracterização funcional do espaço a que pertenceriam, bem como uma maior precisão relativamente ao período cronológico em que foram construídas e utilizadas/abandonadas.

Se a área observada está diretamente relacionada com o espaço de intervenção/área de afetação da obra, a falta de contextos associados deve-se à construção, sobre este nível de ocupação, de um edifício religioso do século XII (Araújo, 1992; Castilho, 1937), a Igreja de São Martinho, a qual funcionou até ao século XIX, altura em que é demolida no âmbito da remodelação urbana desta zona.

No lado oeste da sondagem, identificou-se o que pensamos ser a parede poente do edifício central da Igreja de São Martinho. O que se conservou corresponde apenas ao alicerce, encaixado na vala aberta para a sua construção, a qual foi aberta no nível de argilas esverdeadas e de calcários que constituem o substrato geológico, tendo ainda cortado, no lado nascente, o pavimento de *opus signinum*.

A afetação sobre este pavimento ocorreu não só no âmbito da construção da igreja, mas também posteriormente, durante o tempo de utilização do seu interior enquanto espaço funerário⁴.

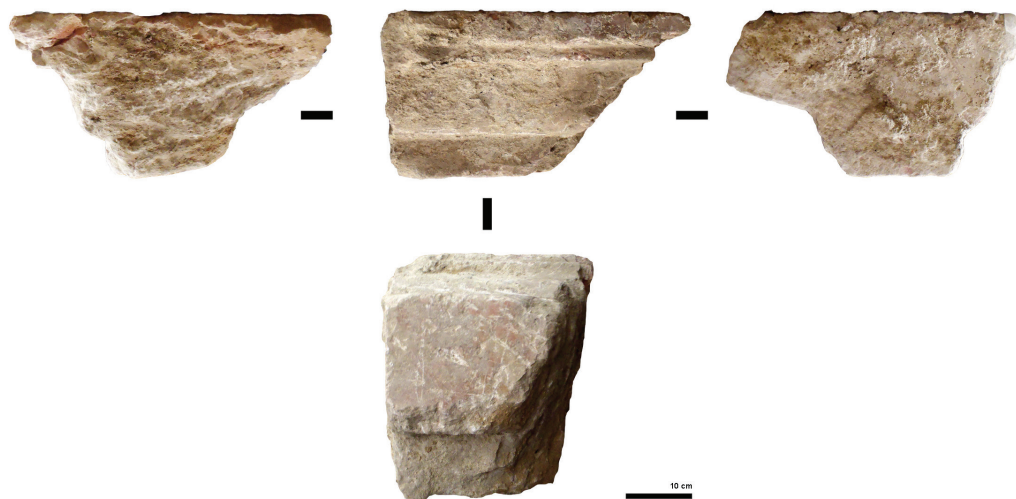
2.4. Vestígios na Rua da Saudade n.º 4

As informações que possuímos sobre este local baseiam-se na descrição que Irisalva Moita

³ Trabalhos levados a cabo por uma das signatárias (S. P.), enquanto responsável dos trabalhos e por Diana Dias, tendo participado também como arqueólogos de campo Márcio Martingil e Tiago Pereira, e, na fase de tratamento do espólio arqueológico, o arqueólogo Fabián Cuesta Gómez.

⁴ Mais recentemente, foi novamente cortado pelas inúmeras valas para colocação das diversas redes de infraestruturas, encontrando-se uma destas a meio da área de intervenção arqueológica.

Fig. 10 – Peça 6:
fragmento de cornija.
Peça recolhida na rua
em frente à Rua da
Saudade, n.º 2.



dele efetuou em 1985 (Moita, 1995, pp. 372–377). Este edifício é contíguo ao n.º 2 da Rua da Saudade, que acima analisámos, situando-se a poente daquele e, deste modo, mais próximo do teatro romano. Ainda assim, não é plausível, como afirma Irísalva Moita, que os vestígios estruturais aí encontrados se refiram a qualquer parte relacionada com o edifício cénico. Tais estruturas surgiram no local, por ocasião de obras implementadas aquando da adaptação do r/c do edifício a uma loja, tendo surgido “... restos informes de construção, também de indiscutível origem romana, que o rebaixamento do solo pôs a descoberto,

mas que nada terão a ver com o monumento vizinho que se desenvolve noutro sentido” (Moita, 1995, p. 373).

Infelizmente, a investigadora não caracteriza pormenorizadamente os vestígios, ainda que os mesmos tenham permanecido no local, por sua indicação, facto que, atualmente, nos permite tecer algumas considerações sobre tais “restos informes de construção”. Com efeito, trata-se de um embasamento em alvenaria, com uma orientação SE/NW, com cerca de 14 m de comprimento conservado, ainda que o mesmo se prolongue para norte. Infelizmente, apenas é possível observar o limite nascente desta estru-

Fig. 11 – Perspetiva de nascente para poente das estruturas em *opus signinum* descobertas no largo de S. Martinho. Vista geral do pavimento [EU 141].



Fig. 12 –
Embasamento
existente na Rua da
Saudade n.º 4.



tura uma vez que a mesma se prolonga sob o edifício contíguo poente, desconhecendo-se a sua total dimensão. O que nos é dado observar corresponde a um tipo construtivo muito similar ao que encontramos no teatro romano, com a parte interna composta por *opus caementicium* integrando na sua composição inúmeros blocos de biocalcarenito. Este enchimento interno é delimitado lateralmente por uma fiada de blocos retangulares, esquadriados (Fig. 12). No mesmo local, foi encontrado um elemento arquitetónico, em pedra lioz cor de rosa com parte de uma inscrição (Fig. 13, peça 7) onde se lê “C. HEIVS PRIMVS. DEDIT”. Tal como refere Irísalva Moita, subscrevemos a interpretação que faz deste elemento ao afirmar que, certamente, se tratará

... de parte do lintel duma das entradas para a orquestra, onde, mais uma vez, o Augustal *Caius Heius Primus* lembrava, à posteridade, ter sido ele o restaurador do teatro (Moita, 1995, p. 373).

Também aqui foram encontrados vários tambores de coluna em biocalcarenito, que se encontravam reaproveitados como conduta de esgoto na zona nascente da loja, segundo esclarecimento da proprietária, informando que haviam sido recolhidas por Irísalva Moita aquando do seu aparecimento e integrados nos depósitos camarários. De facto, conservamos em reserva múltiplos fragmentos de fustes vazados no seu interior, os quais, eventualmente, poderão corresponder a tais exemplares (Fig. 14, peça 8). Estas peças possuem estrias longitudinais na superfície e são muito similares aos fustes que se conservam do teatro.

Resta saber se estes elementos devem ser relacionados com a estrutura identificada neste local ou se, pelo contrário e dada a similitude com os fustes do teatro, devem pertencer ao edifício cénico. Não podemos esquecer que a inscrição de *Caius Heius Primus* aqui encontrada não levanta dúvidas quanto à sua proveniência.

3. Informações documentais

As informações documentais relacionadas com a ocupação romana neste local traduzem-se na referência de A. Vieira da Silva quando menciona que



Fig. 13 – Peça 7: fragmento de inscrição da Rua da Saudade n.º 4 onde se lê C. HEIVS PRIMVS. DEDIT.



Fig. 14 – Peça 8: um dos fragmentos de tambores ou fustes de coluna vazados no interior, encontrados na Rua da Saudade, n.º 4.

... no século XVI, no cunhal duma casa do Beco do Bugio, que era o que ainda hoje conserva o mesmo nome, próximo do Largo de S. Martinho [via-se] uma lápide (72) com inscrição honorífica à Imperatriz Sabina Augusta, mulher do Imperador Adriano, aproximadamente do ano 121 D.C. (Silva, 1944, p. 62).

Tendo sido observada pela última vez num outro local em 1773, esta epígrafe desapareceu posteriormente, tendo apenas subsistido o registo feito por aquele ilustre olisipógrafo, sendo a transcrição que elabora a seguinte:

SABINAE · AVG / IMP · CAES · TRAIANI / HADRIANI · AVGVSTI / DIVI · TRAIANI · DAC · PARTH · F · D · D · / FELICITAS IVLIA OLISIPO / PER / M · GELLIVM · RVTILIANVM / ET · L · IVLIVM · AVITVM · IIVIR

A tradução feita por A. Vieira da Silva resulta do seguinte modo:

A Sabina Augusta, [cônjuge] do imperador César Trajano Adriano Augusto, neto do divino Nerva, filho do divino Trajano Dácico, Pártico, Felicidade Júlia, Olisipo, deu de presente, por intervenção dos Duunviros Marco Gélio Rutiliano e Lúcio Júlio Avito (Silva, 1944, pp. 179–181, n.º 72).

Solicitámos a José d'Encarnação uma nova leitura da epígrafe. Agradecendo a sua enorme disponibilidade, a nova leitura que se apresenta é a seguinte:

A Sabina Augusta, do imperador César Trajano Adriano Augusto, neto do divino Nerva, filho do divino Trajano Dácico, Pártico, Felicidade Júlia Olisipo deu de presente, pelos duúnviros Marco Gélio Rutiliano e Lúcio Júlio Avito.

Datada por este investigador precisamente do ano 121, a presença desta epígrafe, que não colocamos em dúvida ter surgido neste local, ou nas suas proximidades, onde, no século XVI, foi registada, documenta uma notável dádiva, feita por dois duúnviros então em funções, à mulher do imperador. O objetivo era o de toda a cidade conhecer e admirar tão benemérito ato e, naturalmente, o melhor local para a homenagem seria uma das vias de acesso ao teatro. Desconhecemos a morfologia desta epígrafe. O autor apenas menciona que teria cerca de 67 cm de comprimento, talvez um pouco menos de largura (isto é, de altura), ainda assim, uma dimensão notável que seria bem visível e facilmente legível para todos. Desconhecendo a sua espessura, será difícil precisarmos uma tipologia para este monumento. Ainda assim, e recorrendo às palavras de José d'Encarnação ao analisar uma inscrição dedicada ao imperador Adriano — em homenagem a ele prestada pela *civitas Aravorum* —, o texto apresenta-se substancialmente maior no sentido do comprimento, o que leva o autor a afirmar que tal característica leva a propor estarmos perante uma placa destinada a ser colocada num templete (2014, p. 133).

Vieira da Silva, ao mencionar a inscrição do Beco do Bugio, coloca em dúvida, como acima mencionámos, o local do achado, afirmando que seria mais plausível que a mesma tivesse sido encontrada junto ao edifício do Limoeiro, por aí se ter encontrado

em 1839 um grande massame de alvenaria que, pelo material, forma de construção e por outros indícios, se supôs ter sido pedestal de estátua do tempo do domínio romano (Silva, 1944, p. 63).

Baseia-se o autor, em exclusivo, numa informação fornecida por Francisco Martins de

Andrade em 1859, onde menciona tal achado. Em nossa opinião e essencialmente face aos achados que se apresentam neste trabalho, pensamos que este massame do edifício do Limoeiro corresponderá a um outro monumento, não sendo natural que a inscrição a Sabina o tivesse integrado.

4. Interpretação histórica e arqueológica dos achados

4.1. O teatro de *Olisipo* no contexto da monumentalização da cidade

Importa relacionar os diversos elementos que temos vindo a mencionar com o teatro, por um lado, mas, de igual modo, com os eventuais edifícios que terão existido na sua envolvente imediata.

Os dados que apresentamos referem-se exclusivamente à parte nascente do edifício cénico, numa área que, defendemos, terá sofrido uma adequação arquitetónica precisamente pela proximidade que estabelece com o *aditus maximus*. A peça 7, com a inscrição da dedicação de *Caius Heius Primus*, vem reforçar a ideia de que a reforma operada no teatro de *Olisipo* em época de Nero, concretamente, no ano de 57 d.C. foi, presumivelmente, mais que uma simples renovação decorativa. Tratar-se-á de uma modificação ampla da parte central do edifício cénico que terá abrangido a *orchestra* e o *proscenium*, mas também o *aditus maximus* tendo sido mantida a fachada cénica, com a ordem arquitetónica jónica da edificação original (Fernandes, 2001, pp. 36, 37, 2011, pp. 263–311). A *orchestra* e o *frons pulpitum* seguem, em meados do século I d.C., uma nobilitação e uma renovação da plástica decorativa seguindo os modelos centro-imperiais em voga. O mármore é agora empregue como elemento simbólico, sendo o impacto visual um dos objetivos a alcançar num local onde a encenação, por excelência, suscitava tais intentos.

O paralelo mais direto para estas transformações será, naturalmente, o idêntico panorama de remodelação que ocorreu no teatro de *Augusta Emerita* em época de Cláudio (Röring, 2010, p. 164; Trillmich, 2004, pp. 321–233). Vemos assim que, num curto espaço de tempo, as alterações arquitetónicas e decorativas do teatro da capital de província estendem os seus



Fig. 15 – Planta com a localização dos vestígios arqueológicos (a vermelho) e a reconstrução hipotética dos edifícios que aí terão existido (o teatro a cinzento, a hipotética fonte a verde, a laranja o templo e a amarelo e rosa o templete, edícula e muro lateral de contenção) (reconstituição da autoria de Carlos C. Loureiro).

ecos a *Olisipo*, copiando-se modelos, estilos e materiais, processo que igualmente se plasmou em idênticas obras de remodelação implementadas em outros locais onde o paralelo mais evidente é o teatro de *Metellinum*, próximo de Mérida.

Nestes três casos não se presencia verdadeiramente uma alteração da estrutura do edifício, antes uma actualização dos seus repertórios decorativos, bastante mais ambiciosa em *Emerita* — uma vez que abrange o *frons pulpiti*, a *orchestra* mas também a fachada cénica e imagética que a ornamentava — do que em *Metellinum* ou *Olisipo*, onde a frente cénica permanece igual, concentrando-se a renovação na repavimentação da zona central e do muro que encerrava frontalmente o palco.

Temos, assim, três casos de edifícios cénicos construídos em época de Augusto na província da *Lusitania* que, em meados do século I d.C., sofrem remodelações essencialmente decorativas. A cronologia augustana do teatro de *Emerita*, certificada pela inscrição de Agripa colocada no lintel dos *aditus maximi*, atesta esse momento inaugural e testemunha a importância que representava a construção deste tipo de edifícios nas novas cidade de direito romano. Em *Metellinum*, a data indicada será sempre posterior aos anos 79/78 a.C., data da funda-

ção da cidade ao que se supõe pela mão de Q. Cecílio Metelo, cônsul em 80 a.C., durante os combates que levou a cabo contra Sertório (Mateos & Picado, 2011, p. 400). A edificação do teatro é implementada em plena época augustana, ainda que a cidade corresponda a um assentamento anterior de cronologia republicana.

No caso de *Olisipo*, na ausência de provas epigráficas, os resultados das intervenções arqueológicas realizadas no tardoz do edifício cénico, as características construtivas do edifício, os materiais utilizados e a proximidade decorativa que este monumento estabelece com os dois paralelos citados são claramente elucidativos de uma datação coeva.

Se aliarmos àquela transformação arquitetónica do teatro de *Olisipo*, levada a cabo no ano 57 d.C., igualmente uma renovação decorativa e, possivelmente, uma atualização do repertório imagético, pensamos não ser despropositado cogitar também numa alteração da paisagem envolvente do monumento, concretamente nas áreas contíguas às entradas monumentais, elas próprias, como vimos pela peça 7, possivelmente também objeto de importantes atualizações.

Com efeito, a inscrição que se encontra na Rua da Saudade n.º 4, com os seus 1,22 m de altura,

encaixa perfeitamente na dimensão que propomos para os *aditus maximi*: 1,77 m (correspondendo aproximadamente a 6 PR). Acresce o facto de tais pedras em calcário rosa corresponderem a capeamentos, uma vez que possuem apenas 9 cm de espessura, aspeto que terá escapado à observação de Irisalva Moita. Significa este facto que esta inscrição poderia ter sido aposta a uma estrutura pré-existente, como seja o caso de um lintel, ao qual adossou. Parece-nos plausível que esta placa (ou placas, uma vez que são de facto duas⁵ ainda que apenas uma conserve parcialmente a inscrição) onde se encontra gravado o nome de *Caius Heius Primus* se destinasse a ser colocada no lintel do *aditus maximus*, ainda que acreditemos que, assim sendo, também o teor da mensagem deveria ser honorífico, em honra de Nero ou da família imperial, justificando, assim, uma tão destacada posição.

4.2. O teatro de *Olisipo*: as vias de acesso

Quem se dirigia ao teatro tinha várias formas de entrar no interior do edifício cénico. Tais opções dependiam de que parte da cidade a população provinha mas, também, do seu estatuto social.

As duas grandes ruas que confluíam diretamente ao *aditus maximus*, localizavam-se uma a nascente — coincidindo genericamente com a atual Rua da Saudade — e outra a poente — coincidente com o traçado da Rua de S. Mamede. Ambas as vias poderiam ser sulcadas por todos, mas poucos teriam acesso aos assentos situados na *orchestra*, na *proedria* ou nos primeiros degraus da *imma cavea*. Os espectadores que se sentariam nestes lugares, situados mais próximo do palco, percorriam os corredores abobadados que constituía o *aditus maximus*, isto é, as entradas máximas, e desembocariam no interior do enorme edifício cénico onde uma explosão de luz e de cor invadiriam, de imediato, o espectador.

A restante população, de acordo com o respetivo estatuto e condição social, distribuir-se-ia ao longo das bancadas, estando reservado o corredor porticado superior para os de menor condição. Para estes, a entrada localizava-se a um nível elevado, por vãos abertos ao nível da *summa cavea*, a qual se encaixava na colina, aproveitando o declive acentuado que a encosta neste local adotaria (Fig. 15).

Para todos, no entanto, as vias de acesso que rodeavam o teatro transformavam-se em vias de ascensão, caminhos percorridos com um objetivo preciso: ver e ser visto. Podemos afirmar que tais percursos e o ato de os percorrer se podem associar a um rito de ascensão e purificação.


Estes percursos seriam vários, permitindo maior facilidade na movimentação, num espaço relativamente restrito, onde se concentrariam milhares de pessoas. Se, na zona a norte das bancadas, como já referimos, existiria uma artéria que permitiria a distribuição do público pelos *vomitória* da *media* e *summa cavea*, o acesso a tal área poderia ser feito de múltiplas formas. Poder-se-ia subir a escadaria que contornava a *cavea* desde a parte sul, ou ter acesso ao *decumanus* mais a norte por outros *cardines* que passariam a nascente e a poente do teatro.

A implantação que fizemos das diversas estruturas detetadas na área hoje coincidente com a Rua da Saudade mostrou, no entanto, que o pressuposto do qual havíamos partido — a existência neste local de uma via de acesso — não se poderia aplicar. Estas estruturas, as quais interpretamos como correspondendo a diferentes edifícios, pressupõem a existência de uma área muito maior, quase uma praça, para possibilitar o seu correto posicionamento. Esta conjectura depara-se mais plausível uma vez que o acesso à parte norte do teatro, dada a inclinação do terreno, seria escalonado.

Quanto a este aspeto, a via encontrada no Claustro da Sé (Matos, 1994, pp. 32–34) oferece um paralelo pertinente uma vez que alia um acesso em rampa com degraus largos. As *tabernae* encontradas ao longo desta via, de orientação norte/sul e direcionada ao teatro, certamente seriam vocacionadas para os dias de representações cénicas. É neste mesmo contexto de proximidade com o teatro que devemos pensar a envolvente urbana mais próxima. Neste âmbito, as vias de acesso transformavam-se em áreas arquitetonicamente vocacionadas para materializar um trajeto de culto, de homenagem, implantadas para possibilitar a observação do que se dispusesse no seu percurso. Esta era uma via destinada a ver e a ser-se visto.

O trajeto, que culminaria na entrada no monumento cénico, alia a carga simbólica de participar num ato verdadeiramente público a um ritual de purificação que seria evidenciado pelo culto prestado ao Imperador e família,

⁵ A outra placa encontra-se a cumprir a mesma função da anterior, integrando um pilar colocado na parede nascente do edifício. Possui uma altura conservada de 1,08 m e uma largura de 0,43 m, dimensões idênticas à do anterior capeamento. O material é o mesmo e, de igual forma, encontra-se picada precisamente da mesma forma, deixando uma pequena área central onde ainda se conserva o polimento original da superfície.

n.º	PEÇA	LOCAL	CRONOLOGIA	IMAGEM
1	placas de revestimento	Rua da Saudade n.º 2	Romano	
2	capeamento de ara	Rua da Saudade n.º 2	Finais do século I/inícios do século II d.C.	
3	edícula	Rua da Saudade n.º 2	Finais século I d.C.	
4	estátua	Rua da Saudade n.º 2	Século I d.C.	
5	Fuste (tambor)	Rua da Saudade n.º 2	Romano (?)	
6	cornija	Esquina entre a Rua da Saudade e o Beco do Bugio	Romano (?)	
7	epígrafe	Inscrição da Rua da Saudade n.º 4	57 d.C.	
8	tambores de coluna	Rua da Saudade n.º 4	Inícios do século I d.C.	
9	epígrafe	Esquina entre o Beco do Bugio Sem Saída e o Largo de S. Martinho	121 d.C.	

Quadro 1 –
Quadro síntese da
identificação dos
achados da atual Rua
da Saudade.

TIPO CONSTRUÇÃO	LOCAL	MATERIAL	CRONOLOGIA
Embasamento	Rua da Saudade n.º 2	<i>Opus caementicium</i>	Séculos I/II d.C.
Pavimento / revestimento	Largo de S. Martinho (passeio)	<i>Opus signinum</i>	Séculos I/II d.C.
Embasamento	Rua da Saudade n.º 4	<i>Opus caementicium</i>	Inícios do século I d.C. (?)

Quadro 2 –
Quadro síntese da
identificação das
estruturas da atual
Rua da Saudade.

Fig. 16 – Perspetiva de SE para NW observando-se o tardo do teatro e os patamares que aí existiam os quais venceriam o grande desnível entre os dois *decumanus*: o que passaria a sul do monumento cénico e o que se orientava para o *aditus maximus* nascente do teatro (reconstituição da autoria de Carlos C. Loureiro).



aos deuses e outras personalidades. Templetes, inscrições votivas, estátuas de divindades e de autoridades imperiais estariam dipostas, comumente, ao longo das vias de maior trânsito. No mundo romano, os *ludi* eram muito mais do que um simples divertimento: representavam um aspeto essencial da identidade romana, um elemento cultural caracterizador do *modus vivendi*. Ir ao teatro tinha subjacente uma motivação religiosa. No mundo romano a concepção da religião formava um todo indissociável ao da *captatio benevolentiae* e ao da *superstitio*. As autoridades romanas perceberam, desde muito cedo, o poder da ligação entre religião e espetáculos tendo, por isso, começado a utilizá-la com habilidade, transformando-a num infalível meio de propaganda, presenciando-se, desde épocas recuadas, a laicização dos *ludi* os quais, rapidamente passaram a ser a ser celebrados em quaisquer outras ocasiões de alguma relevância.

Em *Olisipo*, como em qualquer outra cidade, inscrições de gratidão, *ex-votos*, aras funerárias e monumentos sepulcrais, templos e templetes dedicados às divindades dispunham-se ao longo das vias mais importantes, fazendo parte de uma paisagem iconográfica de grande impacto em termos de comunicação visual. Não seria portanto improvável que, algumas das estátuas que teriam enriquecido a *frons scaenae* do teatro de *Olisipo*, tenham sido transportadas em procissão religiosa para serem posicionadas dentro daquele espaço. Esta seria

uma prática habitual, como de resto acontecia, por norma, nos teatros romanos, constituindo o exemplo do teatro de Marcelo, em Roma, um caso paradigmático de tal situação (Monterroso, 2010, pp. 15–55)⁶.

4.3. Os monumentos da via de acesso nascente ao teatro de Olisipo

Se excetuarmos a peça que se relaciona diretamente com o teatro, isto é, a inscrição que, muito provavelmente, se situaria no *aditus maximus* (peça 7), identificamos outros seis elementos decorativos que se concentram numa área bastante diminuta (Quadro 1), concretamente, desde o limite nascente da atual Rua da Saudade e na sua curva para o Largo de S. Martinho, até ao n.º 4 daquela mesma rua, em zona contígua ao teatro. A corroborar esta concentração de elementos ornamentais, há a registar duas estruturas, também de cronologia romana, uma no interior do edifício na Rua da Saudade n.º 2 e, a poente, uma outra (Quadro 2) (Fig. 16). Se juntarmos a estas informações, as referentes ao embasamento romano, mencionado por Rodrigues de Freitas junto ao Limoeiro, temos uma destacada concentração de vestígios arqueológicos na área a nascente do teatro de *Olisipo*.

Esta mesma situação, aliás, parece ficar evidente para a via de acesso ao *aditus maximus* poente. Aqui, a abertura da Rua de S. Mamede em

⁶ Quando da sua inauguração, a estátua em ouro do neto de Augusto, morto recentemente, foi levada em procissão, do exterior do teatro até à *frons scaenae*, sendo aí depositada de forma a marcar explicitamente a dedicatória do teatro em sua honra.



Fig. 17 – Perspetiva de nascente para poente observando-se, em primeiro plano, a hipotética fonte relacionada com o *opus signinum* detetado no atual Largo de S. Martinho. (Reconstituição da autoria de Carlos C. Loureiro).

finais do século XVIII ou já nos inícios da seguinte centúria, obrigou a um rebaixamento substancial do terreno e à consequente destruição dos vestígios da Época Romana. Ainda assim, o facto de, também neste local — entre o n.º 3 da Rua de S. Mamede (onde hoje se situa o Museu de Lisboa - Teatro Romano) e o n.º 29 da mesma artéria — detetarmos uma assinalável concentração de elementos arquitetónicos, balizados cronologicamente entre o período visigótico e alto-medieval, permite apontar uma continuidade de ocupação deste trajeto ao longo dos séculos. Estas peças, algumas ostentando cuidada decoração, correspondem a impostas, o que permite apontar uma clara funcionalidade religiosa para os respetivos edifícios (Fernandes & Fernandes, 2014, pp. 225–243).

É este enquadramento paisagístico que poderá explicar a enorme concentração de achados, materiais e estruturais, identificados ao longo destas vias que teriam um tratamento arquitetónico adequado ao local, onde pontuariam os monumentos honoríficos e votivos, em especial dedicados ao culto imperial. Neste sentido, a inscrição em honra da imperatriz Sabina, encontrada ao fundo da atual Rua da Saudade, merece-nos um enquadramento amplamente plausível. Curiosamente, a atual Rua da Saudade é coincidente com o traçado urbanístico pré-pombalino, correspondendo ao antigo *Beco do Bugio Com Saída* (Fernandes & Almeida, 2012, pp. 111–122; Fernandes, Almeida & Loureiro, 2014,

pp. 19–33). Ainda que não tenha sido detetado qualquer vestígio deste antigo traçado romano, ele implantar-se-á sensivelmente neste local.

Esta artéria era, pois, uma via nobilitada, com intrínseca importância que, obviamente, se relaciona com a sua função de acesso ao teatro romano. Os testemunhos preservados, quer estruturais quer escultóricos e decorativos aí recolhidos, permitem propor um modelo de paisagem urbana que, certamente, pecará pela modéstia que não pelo impacto que tais monumentos terão suscitado na população (Figs. 16 e 17). Como em tantos outros locais, era este um dos sítios eleitos para mostrar as homenagens que eram feitas, demonstrando uma total romanização da população e, especialmente, das elites locais. Não é por acaso que são os próprios duúnviros de *Olisipo* que oferecem a epígrafe e, possivelmente, o próprio monumento arquitetónico onde aquela estaria colocada à Imperatriz Sabina. Como refere José d'Encarnação

A associação do imperador à sua mulher não pode, por consequência, deixar-nos indiferentes no que concerne não apenas ao prestígio do soberano mas também — e, quiçá, sobretudo! — ao interesse das comunidades lusitanas em manifestarem o seu apreço à *domus* imperial! (Encarnação, 2014, pp. 139–140).

A presença de uma outra inscrição de *Olisipo*, dedicada ao Imperador Adriano, e feita pre-

Fig. 18 – Perspetiva idêntica à anterior com os edifícios que terão existido na zona contígua ao *aditus maximus* nascente do teatro romano (reconstituição da autoria de Carlos C. Loureiro).



cisamente pelos mesmos duúnviros (CIL II 186, registo n.º 21275) (Silva, 1944, n.º 91), vem sublinhar o facto de a cidade, através dos seus representantes, estar empenhada em mostrar o seu culto ao Imperador e sua família e, de forma mais alargada, aos interesses políticos da cidade mais ocidental da Hispânia.

Este objetivo, aliás, é evidente em épocas anteriores. De facto, sente-se a vontade latente, por parte das elites municipais de *Olisipo*, de uma enorme vontade em participar nos destinos do Império, agradando a Roma, ao seu Imperador e, deste modo, em fazer-se ouvir no centro da máquina política da capital.

Os atos de proselitismo levados a cabo menos de meio século depois, concretamente no ano 57 por *Caius Heius Primus*, em época do Imperador Nero, demonstram bem a vontade de agradar e a preocupação de atualização em relação aos acontecimentos no centro do Império, não sendo por acaso, como temos sublinhado (Fernandes, 2004–2005, p. 223), que *C. Heius Primus* faça coincidir as obras de renovação que manda fazer no teatro precisamente no ano em que o próprio Imperador Nero inaugura, em Roma, o anfiteatro *lignum* (em madeira), junto à Rocha Tarpeia (Trillmich, 2006).

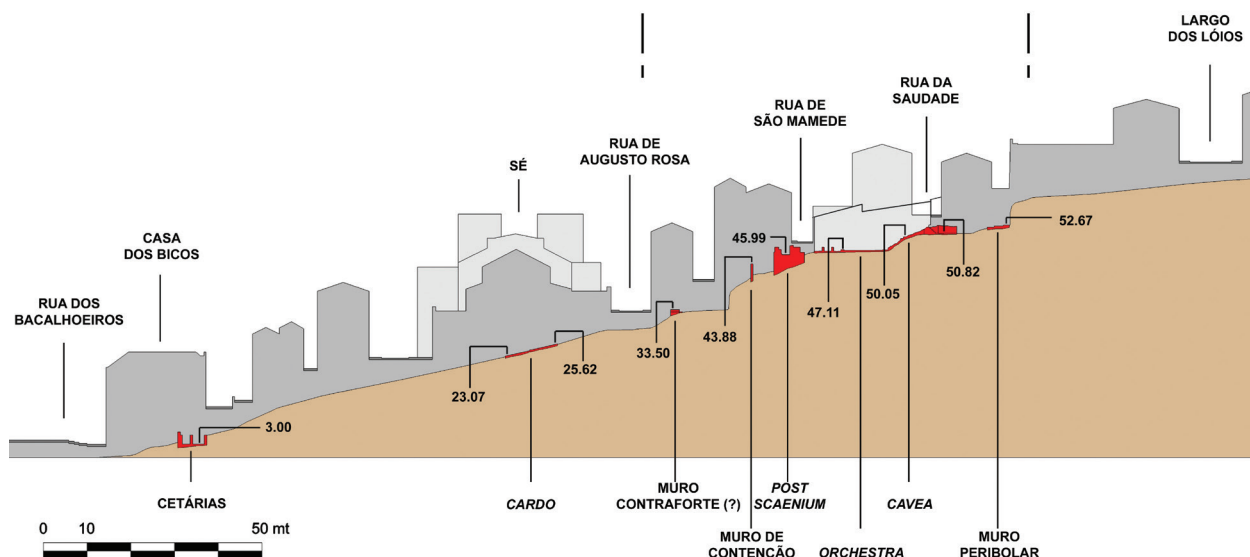
Acreditamos que a inauguração de pequenos monumentos nas áreas envolventes aos teatros, obras de remodelação feitas nos monumentos, ou a oferta de esculturas, epígrafes ou outro mobiliário (Fig. 17) — veja-se, por exemplo, a oferta de um assento no teatro romano de Évora

(Encarnação, 2011, p. 225) — constituísse então uma prática relativamente habitual. Este tipo de situações implicaria, naturalmente, as respetivas comemorações de inauguração onde as epígrafes atestariam, no futuro, quem havia mandado fazer uma obra, uma dedicação ou homenagem.

Se, no caso do fragmento escultórico mencionado (Fig. 8, peça 4) é um facto que se encontra descontextualizado, não sendo evidente que tenha pertencido ao edifício romano identificado no mesmo local (Rua da Saudade, n.º 2), menos certo é que o possamos, com maior certeza, atribuir ao teatro. Trata-se de um pequeno fragmento que pouca informação permite retirar, ainda que seja evidente a qualidade do artista/*atelier* que o produziu. O mármore, branco, sem venadas e cristalino, é precisamente o mesmo que foi utilizado nas duas estátuas de sileno que ornamentariam a parte superior do *proscenium* (Fernandes & Caessa, 2006–2007, pp. 101–104). Deste modo, pensamos poder afirmar que a imagética utilizada em *Olisipo* num determinado período, recorreu às mesmas pedreiras da região alentejana da zona de Vila Viçosa. Obviamente que o que poderemos dizer de tão poucos vestígios — acrescentam-se dois fragmentos de vestes, dois baixos-relevos e um fragmento de cabeça de estátua, todos provenientes do teatro — não permite extrapolar considerações relativamente à imagética coeva da cidade. Ainda assim, é de assinalar o facto de o material empregue ter precisamente a mesma proveniência⁷.

Quanto à peça 1 (Fig. 5), uma pequena placa de

⁷ Os dados referentes à proveniência da matéria-prima destes elementos decorativos e escultóricos do teatro romano de Lisboa foram objeto de um estudo realizado por Sofia Carvalho, no âmbito do estágio de Licenciatura em Geologia Aplicada e do Ambiente realizado na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em 2005.



revestimento de mármore cinzento com venadas brancas, sublinha-se o facto de, também o teatro possuir inúmeras placas similares feitas no mesmo material. Aliás, as pedras que compõem o *frons pulpiti* alternam precisamente entre este tipo de material e o calcário margoso de cor rosa da região de Sintra. Estes materiais foram, na sua quase totalidade, recolhidos no decurso das escavações arqueológicas levadas a cabo por Irilvalva Moita. Trata-se de capeamentos de revestimento, de pouca espessura, que se podem associar ao momento de remodelação do teatro, em 57 d.C., uma vez que o tipo de pedra é precisamente o mesmo do registado nas pedras do *proscenium*.

Quanto aos restantes materiais, as peças 2 e 3 corresponderão a pequenos monumentos que, geralmente, se encontram associados a contextos funerários. São peças distintas: a peça 2 (Fig. 6) é um fragmento de edícula onde se encontra cinzelada a fachada de um templo, do qual apenas se conserva um capitel coríntio e o respetivo fuste, sobrepostos por um entablamento e um tímpano. A inscrição localizar-se-ia no centro, entre as colunas. Trata-se de um tipo de peça bastante frequente, ainda que esta tenha a particularidade de ser pouco espessa indicando, assim, destinar-se a ser colocada em alguma parede.

A peça 3 (Fig. 7) é distinta, uma vez que corresponde ao coroamento de um cipo, que formaria, na parte superior central, uma área rebaixada destinada a rituais de queima de óleos e incensos. Ainda que ambos os monumentos

sejam frequentemente funerários, não é invulgar que possam ser honoríficos ou votivos. De facto, bastará pensar na *Ara Pacis* para se remeter para contextos comemorativos e celebrações religiosas.

O tambor de coluna (peça 5) (Fig. 9) é bastante mais lacónico em termos de informação. Realizado em calcário rosa afasta-se, por tal facto, da tradição tardo-republicana e augustana do emprego do biocalcarenito revestido a estuque, como temos vindo a enfatizar. O emprego do calcário lioz encontra-se documentado a partir de meados do século I d.C. na cidade de *Oli-sipo*, especialmente a partir dos finais da mesma centúria (Fernandes, 2009, pp. 191–207, 2011, pp. 263–311). Ainda assim, o facto de o seu diâmetro não apresentar uma medida canónica em PR (inferior a 1 ½ PR) leva a colocar a hipótese de se tratar de um elemento de época posterior à romana. Estas mesmas considerações poderão ser aplicadas ao fragmento de cornija (peça 6) (Fig. 10), não sendo possível especificar qualquer cronologia.

No caso dos fustes em biocalcarenito, encontrados no mesmo local do embasamento, Rua da Saudade n.º 4 (peça 8) (Fig. 14), a relação óbvia que podem estabelecer com exemplares idênticos do teatro permite uma atribuição direta com este edifício. Não obstante, a proximidade com o embasamento estrutural que se encontra no mesmo local e a similitude construtiva que aproxima cronologicamente esta construção com o monumento cénico, autorizam a hipótese de se relacionarem entre si.

Fig. 19 – Corte da encosta abarcando a área compreendida entre o antigo Convento dos Lóios (a norte) até à Casa dos Bicos (a sul) com a indicação de algumas das cotas absolutas.

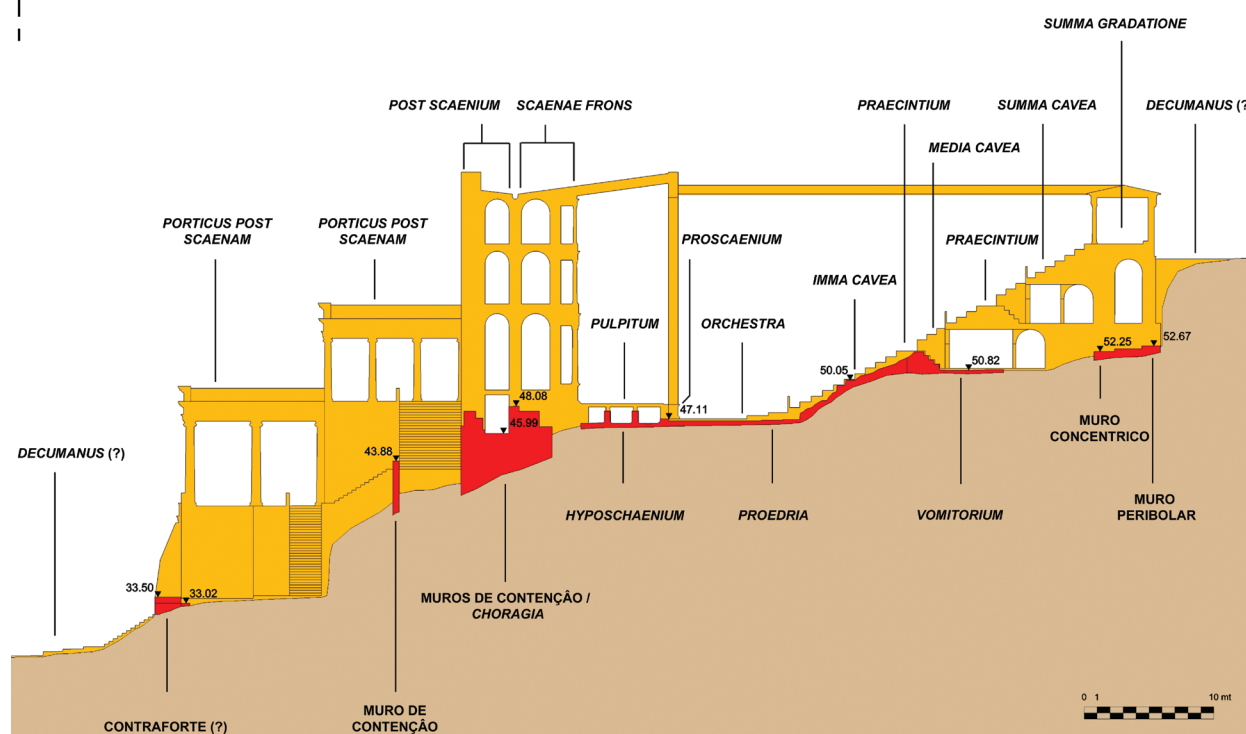


Fig. 20 – Pormenor do corte da encosta abrangida pelo teatro romano com a identificação das estruturas arqueológicas aí reconhecidas; a reconstrução do edifício; respetivas designações funcionais do edifício cénico e indicação de algumas das cotas absolutas.

Seguindo esta hipótese, este edifício, que segue sensivelmente o mesmo eixo norte/sul do teatro e para o qual propomos uma função religiosa, teria uma fachada virada a sul, possivelmente correspondente a um templo, hipoteticamente *in antis*, onde as porções de fuste em causa seriam posicionados (Fig. 18). É precisamente a implantação deste edifício, como já referido, que obriga a considerar uma área mais ampla para este local imediatamente contíguo ao teatro. A sua profundidade para noroeste obriga, assim, a propor um recinto alargado para este espaço.

5. A sobreposição de cidades: *Olisipo* e Lisboa

A reunião e cruzamento destes dados permitem, para além da reconstrução da paisagem urbana desta área contígua ao teatro, contrapor as cotas de utilização de época romana com as atuais (Figs. 19 e 20). Uma outra fatia temporal, a ser objeto de um trabalho futuro, é o das alterações que se registam entre a Lisboa anterior e posterior ao terramoto. Com efeito, nas diversas intervenções levadas a cabo no Museu de Lisboa - Teatro Romano entre 2001 e 2011, foi possível reunir elementos que possibilitarão a implementação desta nova vertente de trabalho (Fernan-

des & Almeida, 2012, pp. 111–122; Fernandes, Almeida & Loureiro, 2014, pp. 19–33).

No presente texto, debruçamo-nos tão-somente sobre os dados referentes ao Período Romano e à atualidade. O objetivo foi o de traçar uma linha que, partindo da zona mais a norte onde foi possível registar dados arqueológicos (da responsabilidade dos signatários ou dados já publicados), se prolongue até à zona ribeirinha passando, naturalmente, pelo teatro romano e pela sua área envolvente nascente.

O limite norte situa-se por cima do teatro, junto ao Convento dos Lóios e, a sul, o limite deste perfil foi definido pelas estruturas arqueológicas detetadas na Casa dos Bicos, encontradas na década de 1980 (Amaro, 1982, pp. 96–111) e, igualmente, nas mais recentes escavações levadas a cabo por Manuela Leitão e Victor Filipe (Filipe, Leitão & Quaresma, no prelo).

A visualização clara das alterações de cota que medeiam o espaço temporal desde a época Republicana e dos inícios do Império até à atualidade permite interpretações e distintas explicações. Procurou-se inaugurar um debate que explane a evolução contínua deste espaço. Novos e distintos dados que apareçam podem agora ser corretamente posicionados, preenchendo um perfil da cidade que, de *Olisipo*, se transformou em Lisboa.

6. Inventário⁸

PEÇA 1 (Fig. 5)

N.º Inv. : -

Placas de revestimento

Mármore

Século I d.C. (?)

Dimensões (cm): 10,5X6,7 (em cima); 10,3 X 5,5 (em baixo)

Contexto: intervenção arqueológica realizada em 2005 no edifício da Rua da Saudade n.º 2, pela empresa ERA Arqueologia. Sondagem 5 [524]. Em associação foi apenas encontrado espólio constituído por fragmentos de cerâmica comum. Contudo, o depósito [512] onde assentava o anterior apresentava, para além de fragmentos de cerâmica comum, alguns pequenos fragmentos de *terra sigillata* hispânica e clara (Brazuna, 2005, p. 35).

Descrição: placas de mármore de Trigaches, cinzento com venadas brancas. Pela sua pouca espessura e polimento das superfícies devem corresponder a capeamentos. São muito similares a placas encontradas no teatro (intervenção da década de 1960), realizadas no mesmo material.

PEÇA 2 (Fig. 6)

N.º Inv. : -

Edícula (fragmento de possível epígrafe enquadrada numa edícula)

Calcário (pedra lioz)

Finais do século I d.C. (?)

Dimensões: 31,8 (altura); 30,7 (largura)

Contexto: intervenção arqueológica realizada em 2005 no edifício da Rua da Saudade n.º 2, pela empresa ERA Arqueologia. Sondagem 5 [526]. Este depósito preenchia uma fossa [527], cuja abertura afetou parte do alicerce do edifício romano [523/414]. Associado a esta peça registaram-se apenas escassos fragmentos de cerâmica de construção grosseira e de cerâmica comum (Brazuna, 2005, pp. 27, 37).

Descrição: Este fragmento faria parte, possivelmente, de uma epígrafe, de carácter funerário ou honorífico, enquadrada por ornamentação que representa um pequeno templo. Apenas se conserva a parte superior, não correspondendo à sua totalidade. Desenvolver-se-ia inferiormente, possivelmente com alguma altura.

O que se observa é a representação, em minia-

tura e de forma esquemática, de um edifício, com o tímpano e a respetiva arquitrave, a qual se encontra apoiada, num dos seus limites, numa coluna que conserva a sua parte superior. O tímpano é representado por molduras relevadas, sendo a parte correspondente à arquitrave exibida por molduras mais largas, retilíneas, a marcar bem a horizontalidade daquele elemento arquitetónico. No ângulo deste edifício observa-se um capitel, posicionado por baixo da arquitrave e a suportá-la. De ordem coríntia, possui uma coroa de folhas, do tipo palmetas: duas laterais e uma central com quatro lóbulos de cada lado da folha. As folhas angulares elevam-se até ao ábaco, que possui várias molduras e uma roseta de três pequeninas pétalas que marca o centro. Inferiormente, duas molduras estabelecem a ligação ao fuste de coluna decorado por largas caneluras. Esta edícula representa, assim, um pequeno templo que, decorativamente, enquadraria um espaço vazio onde, possivelmente, se localizaria uma inscrição.

O trabalho, em baixo-relevo, é de alguma qualidade, ainda que a expressão plástica evidenciada anuncie novos caminhos da decoração arquitetónica, longe da organicidade e naturalismo típicos da primeira metade do século I d.C. As palmetas em vez das tradicionais folhas de acanto começam a ser habituais a partir de meados do século I, sobretudo nas províncias mais afastadas, sendo características do capitel de tipo corintizante. O efeito plástico é evidente, com contrastes de claro/escuro e relevos acentuados. Não erraríamos ao pensar num *atelier* provincial que laboraria em *Olisipo* nesta época.

PEÇA 3 (Fig. 7)

N.º Inv. : -

Capeamento de ara (fragmento)

Mármore

Finais do século I/inícios do século II d.C.

Dimensões: 25 (comprimento); 17 (largura)

Descrição: fragmento de um capeamento destinado a coroar uma ara, do qual se conserva a parte central da face frontal da peça. Observa-se um *fastigium*, elemento vegetalista do tipo florão, que axializava a composição. Este elemento parte do meio de duas volutas, de perfil côncavo, decoradas no seu centro por rosetas quadripétalas em relevo e botão central.

⁸ As dimensões indicadas são em centímetros.

As rosetas mantêm as concavidades da utilização do trépano, sem evidenciar qualquer disfarce posterior daquele trabalho. Este facto leva a concluir que, se por um lado, o *atelier* não atribuía grande importância ao perfeito e cuidado acabamento dos materiais que produzia, a qualidade técnica evidenciada e o tipo de material empregue, sugerem que tal situação fosse promovida pela existência de grande número de encomendas privilegiando-se, assim, o aspeto estético geral em detrimento do pormenor ornamental.

Este tipo de peças é muito habitual no território olisiponense. Existem múltiplos paralelos que pertinentemente se podem aproximar, quer tipológica quer decorativamente. Sublinha-se, apenas como exemplo, o caso dos exemplares do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra) (destacando-se os exemplares com o n.º inv. F/LR/55/1: Pereira, 1957, pp. 103–104; Fontes & Almeida, 1979, pp. 20–21, 28; Gamer, 1989, p. 230; Vieira, 1998, vol. II, p. 285; ou ainda a peça com o n.º inv. SMO/LR/55/14: Fontes & Almeida, p. 20–21, 28, 42; Gamer, 1989, p. 230; Vieira, 1998, pp. 322–325).

Contexto: peça recolhida na intervenção arqueológica realizada em 2005 no edifício da Rua da Saudade n.º 2, pela empresa ERA Arqueologia, concretamente, na sondagem 4 e no depósito [408], correspondente a um nível de aterro de meados do século XIX / início do século XX, tendo esta peça surgido em associação com fragmentos de cerâmica de época romana (nomeadamente, cerâmica comum e *terra sigillata*) mas também com fragmentos de cerâmica de época contemporânea (cerâmica comum e vidrada, porcelanas, faianças) (Brazuna, 2005, pp. 29–37).

PEÇA 4 (Fig. 8)

N.º Inv. : RS11.EA30

Estátua (fragmento)

Mármore

Romano. Século I d.C. (?)

Dimensões: 33,5 (comprimento); 16,5 (largura)

Descrição: fragmento de estátua, correspondente a um joelho semi-desnudo, evidenciando uma veste que, superiormente, taparia a parte superior da perna. A diminuta dimensão do fragmento não possibilita qualquer identificação, ainda que seja possível inferir da boa

qualidade técnica do *atelier* que produziu este exemplar escultórico. Poderá corresponder a uma divindade, como Artemisa, por exemplo, ou de um togado, tendo como paralelo a estátua de Alcácer do Sal, datada da época final do principado de Augusto ou dos inícios do de Tibério.

Contexto: intervenção arqueológica realizada em 2011–2012 no edifício da Rua da Saudade n.º 2, realizada pela arqueóloga Sara Prata. Peça recolhida durante a remoção de entulhos provenientes das demolições, sendo impossível determinar a proveniência exata.

PEÇA 5 (Fig. 9)

N.º Inv. : RS11.EA25

Fuste de coluna

Calcário (pedra lioz)

Cronologia: romano (?)

Dimensões: 43,5 (altura); 41 (diâmetro)

Descrição: Tambor de fuste de coluna com a superfície polida.

Contexto: intervenção arqueológica realizada em 2011/2012 no edifício da Rua da Saudade n.º 2, realizada pela arqueóloga Sara Prata. Peça identificada após a picagem das paredes, encontrando-se reutilizada no interior do alçado da fachada norte do edifício.

PEÇA 6 (Fig. 10)

N.º Inv. : RS14EA02

Cornija (fragmento)

Calcário

Cronologia: romano. Meados do século I d.C. (?)

Dimensões: 43 (comprimento); 28 (altura)

Descrição: fragmento de cornija, moldurada, caracterizada por uma *cyma recta* pronunciada. Este tipo de moldura era muito comum em época romana existindo múltiplos paralelos nas cornijas do teatro romano enquadráveis na segunda fase de renovação arquitetónica e, sobretudo decorativa, que o monumento sofreu em meados do século I d.C.

Contexto: intervenção arqueológica realizada em 2014 no exterior do edifício da Rua da Saudade n.º 2, realizada pela arqueóloga Sara Prata. Identificada no nivelamento de topo de uma caixa coletora na área de interceção entre a Rua da Saudade e o Beco de Bugio.

PEÇA 7 (Fig. 13)

N.º Inv. : -

Epígrafe

Calcário (pedra lioz)

Cronologia: 57 d.C.

Dimensões: 122 (comprimento); 42 (altura); 9 (espessura)

Descrição: fragmento de uma inscrição, parcialmente picada, conservando parte das letras as quais se lêem do seguinte modo: C.HEIVS PRIMVS.DEDIT.

Possui duas faixas laterais picadas, tendo sobrevivido intacta uma pequena banda central com cerca de 14 cm de largura, onde se mantiveram os limites das letras que permitem reconstituir a inscrição. De sublinhar que no interior do imóvel existe uma outra pedra, igual e em semelhante estado de conservação, ainda que não registe qualquer letra.

Contexto: esta peça não possui contexto fidedigno, tendo aparecido no decurso das obras de adaptação do r/c do edifício da Rua da Saudade n.º 4.

PEÇA 8 (Fig. 14)

N.º inv. : – TRL/1988/6; 8-11; 15-18; 20-23 (?)

Fragmentos de fuste (tambores?).

Biocalcarenito

Cronologia: inícios do século I d.C.

Descrição: fragmentos de tambores ou fustes de coluna. A superfície encontra-se muito erodida e algumas das peças possuem um pequeno aro sobre-elevado, nas partes superior e inferior, para encaixe com outro elemento. Alguns fustes apresentam estrias longitudinais na superfície para melhor preensão do estuque que, originalmente, os revestiam. Outros apresentam-se lisos.

Contexto: estas peças não possuem contexto

fidedigno, tendo aparecido no decurso das obras de adaptação do r/c do edifício da Rua da Saudade n.º 4 a loja, onde se encontravam reaproveitadas como esgoto, daí o facto de se apresentarem vazadas, não conservando o miolo central. Como não existe qualquer informação de que peças foram recolhidas, sendo o único dado o mencionado oralmente pela proprietária de que aí se encontravam a servir de conduta, depreendemos que as peças que se encontram em depósito camarário com tais características, sejam as que provenham do local. Se assim for, teremos treze fragmentos de fustes vazados, de dimensões muito distintas entre si.

PEÇA 9

N.º inv. : -

Epígrafe.

Inscrição honorífica dedicada à Imperatriz Sabina.

Desaparecida, apenas informação documental. Ano 121 d.C.

Dimensões: c. 67, comprimento = 3 palmos de comprimento (Silva, 1944, p. 180)

Descrição: transcrita por Augusto Vieira da Silva (1944, p. 62) (CIL II 4992 e 5221) mas atualmente desaparecida. A transcrição que faz é a seguinte:

SABINAE · AVG / IMP · CAES · TRAIANI /
HADRIANI · AVGVSTI / DIVI · TRAIANI · DAC ·
PARTH · F · D · D · / FELICITAS IVILIA OLISIPO
/ PER / M · GELLIVM · RVTILIANVM / ET · L ·
IVLIVM · AVITVM · IIVIR

Contexto: no século XVI encontrava-se no cunhal duma casa do Beco do Bugio, reaproveitada na parede.

Agradecimentos

O presente trabalho contou com a preciosa ajuda de vários investigadores a quem agradecemos: José d'Encarnação, fotógrafo José Avelar (Museu da Cidade, C.M.L.), os arqueólogos Diana Dias, Márcio Martingil e Tiago Pereira. A composição gráfica das Figs. 8, 9 e 10 é da autoria de Fabián Cuesta Gómez, a quem, de igual modo, agradecemos o excelente trabalho.

Por fim, a disponibilidade e as preciosas informações fornecidas pela proprietária do r/c do n.º 4 da Rua da Saudade, Isabel Pereira da Costa e de sua filha Inês Costa, foram de inestimável importância para uma melhor compreensão do contexto dos vestígios detetados na Rua da Saudade, n.º 4.

Bibliografia citada

- ALMEIDA, D. Fernando de (1966) - Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa. *Lycerna*. Porto, 5, pp. 561–571.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, José María (1992) - El templo de Diana. In *Templos Romanos de Hispania - Cuadernos de Arquitectura Romana*. 1, Murcia, 1, pp. 83–93.
- AMARO, Clementino (1982) - Casa dos Bicos: notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto. 6, pp. 96–111.
- ANDRADE Francisco Martins de (1859) - *Memória acerca duns restos de thermas romanas existentes em Lisboa* (manuscrito).
- CIL II = HÜBNER, Emil (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II Suppl. = HÜBNER, Emil (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CORRALES AGUILAR, Manuel (2007) - El teatro romano de Málaga: evolución de un espacio. *Mainake*. Málaga. 29, pp. 53–76.
- DURÁN CABELLO, Rosalía María (2004) - *El teatro y el anfiteatro de Augusta Emerita: contribución al conocimiento histórico de la capital de Lusitania*. Oxford: Archaeopress.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2011) - IRCP, 25 anos depois. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 215–230.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2014) - Homenagem da Civitas Aravorum ao imperador Adriano. *Praça Velha*. Guarda. 34, pp. 129–151.
- FERNANDES, Lúcia (2001) - Capitéis do teatro romano de Lisboa. *Anas*. Mérida. 14, pp. 29–51.
- FERNANDES, Lúcia (2004–2005) - As bases de coluna nos desenhos dos séculos XVIII e XIX do teatro romano de Lisboa. *Arqueologia e História*. Lisboa. 56–57, pp. 83–94.
- FERNANDES, Lúcia (2007) - A decoração arquitectónica de época romana do *municipium olisiponense*: a propósito de alguns elementos arquitectónicos da Praça da Figueira (Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 25, pp. 291–336.
- FERNANDES, Lúcia (2007) - Teatro romano de Lisboa: os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-Madan*. Almada, 15, pp. 27–39.
- FERNANDES, Lúcia (2009) - Capitel das *Thermae Cassiorum* de *Olisipo* (Rua das Pedras Negras, Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 191–207.
- FERNANDES, Lúcia (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 263–311.
- FERNANDES, Lúcia (2012) - A decoração arquitectónica de época romana: aspectos de centralidade / descentralidade na região ocidental da província da Lusitânia. *Revista Cira Arqueologia* (on-line). Vila Franca de Xira. 1, pp. 131–148.
- FERNANDES, Lúcia (2013) - Teatro romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Ana; NEVES, César, eds. - *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 765–773.
- FERNANDES, Lúcia (no prelo) - The production of architectural elements in the city of *Felicitas Iulia Olisipo*(Lisbon): the capitals. In *XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica*. Mérida (6–11 mayo 2013). Poster.
- FERNANDES, Lúcia; ALMEIDA, Rita Fragoso de (2012) - Um celeiro da mitra no Teatro Romano de Lisboa: inércias e mutações de um espaço do século XVI à actualidade. In *Velhos e Novos Mundos: Congresso Internacional de Arqueologia Moderna (6–9 de Abril)*. Lisboa: Universidade Nova, pp. 111–122.
- FERNANDES, Lúcia; ALMEIDA, Rita Fragoso de; LOUREIRO, Carlos (2014) - Entre o teatro romano e a Sé de Lisboa: evolução urbanística e marcos arquitectónicos da antiguidade à reconstrução pombalina. *Revista de História de Arte*, Volume 11. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, pp. 19–33.
- FERNANDES, Lúcia; CAESSA, Ana (2006–2007) - O *proscenium* do teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico. *Arqueologia e História*. Lisboa. 58–59, pp. 83–102.

FERNANDES, Lídia; FERNANDES, Paulo de Almeida (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, pp. 225–243.

FERNANDES, Lídia, SALES, Paulo (2005) - Projeto Teatro Romano, Lisboa: a reconstituição virtual. *Arquitectura e Vida*. Lisboa. 57, pp. 28–32.

FERNANDES, Lídia; SEPÚLVEDA, Eurico; ANTUNES, Márcio (2012) - Teatro romano de Lisboa: sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de Olisipo. *Al-Madan*. Almada. 2.ª série. 17, pp. 44–55.

FILIFE, Victor; LEITÃO, Manuela; QUARESMA, José Carlos (no prelo) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em Olisipo: contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo: actas del III Congreso Internacional de la SECAH - Ex Officina Hispana. Tarragona, 9–13 de diciembre de 2014*.

MATEOS CRUZ, Pedro; PICADO PÉREZ, Yolanda (2011) - El teatro romano de *Metellinum*. *Madrid Mitteilungen*. Wiesbaden. 52, pp. 373–410.

MATOS, José Luís de (1994) - As escavações no interior dos Claustros da Sé e o seu contributo para o conhecimento das origens de Lisboa. In *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 32–34.

MOITA, Irisalva (1970) - O teatro romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa. 124–125, pp. 7–37.

MONTERROSO CHECA, Antonio (2010) - La scaenae frons en los teatros de Roma: entre liturgia, formas y modelos. In RAMALLO ASENSIO, Sebastián F.; RÖRING, Nicole, eds. - *La scaenae frons en la arquitectura teatral romana: actas del Symposium Internacional celebrado en Cartagena los días 12 al 14 de marzo de 2009 en el Museo del Teatro Romano*. Murcia: Universidad; Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp. 15–55.

RÖRING, Nicole (2010) - Nuevo estudio arquitectónico de la fachada escénica del teatro romano de *Augusta Emerita*. In RAMALLO ASENSIO, Sebastián F.; RÖRING, Nicole, eds. - *La scaenae frons en la arquitectura teatral romana: actas del Symposium Internacional celebrado en Cartagena los días 12 al 14 de marzo de 2009 en el Museo del Teatro Romano*. Murcia: Universidad; Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp. 163–172.

TRILLMICH, Walter (2004) - Los programas arquitectónicos de época julio-claudia en la Colonia Augusta Emerita. In RAMALLO ASENSIO, Sebastián F., ed. - *Actas del Congreso la decoración arquitectónica en las ciudades romanas de occidente (Cartagena, 8–10 octubre 2003)*. Murcia: Universidad, pp. 321–335.

TRILLMICH, Walter (2006) - El anfiteatro de Nerón en Roma, visto desde la andanada. In *Coloquio Internacional Amphitheatrum, del edificio a los juegos (Museo Nacional de Arte Romano, 27–28 octubre 2006)* (resumos das comunicações). Mérida.